Agradecendo a Medalha Barão de Studart

Mozart Soriano Aderaldo

Lembro-me bem: cursava eu o tradicional Liceu do Ceará e achava-me, com alguns colegas, em plena Praça do Ferreira, quando vi atravessando-a no sentido sudeste-noroeste um velho sanguíneo e de baixa estatura, mais para gordo do que para magro, vestido de preto à moda antiga e, apesar de tudo, simpático não obstante sua indiferença e sisudez. Aos primeiros comentários seguiu-se a identificação surpreendente: era o Barão de Studart.

De há muito que todos os cearenses, mesmo os de pouca idade, nutriam pelo Presidente do assim chamado Instituto Histórico a maior veneração. Ele era um intelectual de nomeada que gastara sua fortuna na busca de documentação referente à nossa história, era o católico praticante que presidia há anos a benemérita Sociedade de São Vicente de Paulo, era o médico desprendido que atendia pressurosamente a pobreza ao mesmo tempo em que militava com relevo no Centro Médico Cearense.

Embora acostumado a ouvir referências a outro Barão, o de São Leonardo, oriundo de Mombaça e integrante do clã de que procedo, com o Barão de Studart havia algo inusitado: seu título fora-lhe dado pelo luminoso Papa Leão XIII e continuava ele, como se nada houvesse acontecido, na faina diuturna em prol dos pobres e no ingente trabalho de pesquisa sobre as nossas origens.

Naquele instante de minha adolescência e quase meninice viria ele, possivelmente, da sede da Sociedade de São Vicente

de Paulo, na Praça do Coração de Jesus, e se dirigia à sua residência, na Rua Barão do Rio Branco, mal podendo eu adivinhar que aqui me encontraria, anos vários decorridos, como um dos 40 sócios efetivos da grei por ele fundada aos 4 de março de 1887 e, ainda mais, que seria eu galardoado com a Medalha de Ouro que tem seu augusto nome, "destinada a agraciar figuras eminentes das letras em geral e, em especial, da Historiografia, Geografia e Antropologia, mormente do Nordeste do Brasil e mais particularmente do Ceará", como reza o artigo 1.º de sua regulamentação.

Que não mereço a venera é verdade fora de qualquer dúvida. Mas que não poderia por mim ser recusada é lei inexorável da boa educação. Eis-me, pois, aqui, honradíssimo com a comenda que os companheiros do Instituto me outorgaram, por iniciativa do Vice-presidente João Hipólito Campos de Oliveira, meu antigo e querido colega no Liceu do Ceará, na Faculdade de Direito do Ceará e no CPOR de Fortaleza, intelectual de largos serviços prestados à classe do magistério em nossa terra, com o pleno apoio do magnífico Presidente do Instituto, o Reitor Agregado Martins Filho, a quem sempre admirei por seus altos méritos de inteligência e capacidade administrativa.

É de longa data, pois, minha veneração pelo Barão de Studart. Nos festejos comemorativos do seu 100.º aniversário de nascimento, ocorrido a 5 de janeiro de 1956, participei ativamente dos esforços do Instituto do Ceará no sentido da perpetuação de seu nome entre as gerações sucessivas, dentre os quais trabalhos ressalto a publicação dos Anais desses festejos, a inauguração de sua efígie em bronze afixada em bloco de granito no Passeio Público e o belo programa cumprido à risca, a que não estiveram indiferentes as sociedades de cujas atividades participou em vida: os Vicentinos, o Centro Médico, a Academia Cearense e este Instituto de que é Nume Tutelar, além de todos os órgãos de divulgação da terra, jornais e estações de radiodifusão. No próprio dia de seu centenário, nosso ilustre consócio Dom Antônio de Almeida Lustosa celebrou a matutina missa gratulatória, sendo orador sacro dessa ação litúrgica o então Pe. e depois bispo Miguel Câmara Filho. Uma piedosa visita ao seu túmulo no Cemitério de São João Batista seguir-se-ia àquele ato litúrgico e, finalmente, à noite, o Instituto realizaria a sessão solene, ponto culminante das comemorações, no Teatro José de Alencar, falando o consócio Pe. Dr. Misael Gomes pelo Instituto, o Dr. Raimundo Araripe pelos Vicentinos, o Dr. Osvaldo Studart pela família e o historiador

e etnógrafo de fama internacional Luís da Câmara Cascudo como convidado especial.

Festejos dignos de um Príncipe. E o Barão de Studart era um Príncipe da historiografia, das letras, da ciência e da caridade! Foi, sem dúvida, a festa da imortalidade, como declarei, ao tempo, em artiguete divulgado na imprensa conterrânea e inserto nos Anais dos festejos.

Sua ilustre família tem cultivado, por igual, seu nome excelso. Foi assim que um seu sobrinho, irmão do então Presidente Carlos Studart Filho, doou a esta Casa dez Medalhas que receberam o nome do Barão, as nove primeiras outorgadas a personalidades de escol das letras brasileiras, de que é magnífico exemplo o historiógrafo José Honório Rodrigues, e cearenses, todas integradas no esforço pela elevação sempre crescente das "letras em geral e, em especial, da Historiografia, Geografia e Antropologia, mormente no Nordeste do Brasil e mais particularmente do Ceará". Quanto a mim, entendo ser, no caso, aquele tom mais escuro que dá relevo à clarividência dos demais matizes do quadro panorâmico, pois de claros e escuros o artista traceja as mais belas e impressionantes telas de que se tem notícia na história das artes. Com esta convicção recebo a venera para mim imerecida, aproveitando o ensejo para outra vez prestar ao Barão de Studart a maior e mais entusiástica homenagem, ao seu generoso sobrinho o mais sincero reconhecimento pela valiosa doação e aos demais colegas da ilustre Casa a minha eterna gratidão por este largo gesto de amizade e caridade ou amor, como se diz modernamente. Caridade ou amor, sim, pois creio que do gesto não se acha ausente essa conotação, alcançando alguém mal saído de insidiosa e duradoura moléstia.

Por isso e por tudo aquilo que minha pobre pena não conseguiu tracejar sinto-me rendido, inclusive pelo comparecimento de parentes, de velhos amigos, de colegas de trabalho intelectual, de companheiros de clubes de serviço e, mais ainda, pela generosa e afetiva saudação desse bom colega e companheiro que é o professor Manuel Lima Soares, fazendo de mim, com sua nobre ótica e seus indiscutíveis dotes intelectuais, aquilo que eu bem gostaria que realmente fosse. Conforta-me, a propósito, a frase imortal de Goethe, para quem "a imaginação, com o vôo ousado, aspira a princípio a eternidade... Depois um pequeno espaço basta em breve para os destroços de nossas esperanças..." Assim como a afirmação de alguns teólogos, para os quais Deus não nos julgará e salvará pelo alto grau acaso merecido, embora sempre constante e

sem progresso, mas pelo esforço, às vezes baldado, dos que lutam por subir de baixo grau para grau maior.

Já que citei um grande sábio e estudiosos respeitáveis, seja-me lícito completar meu pensamento valendo-me da sabedoria popular, que recomenda: se queres ser ouvido com atenção, fala pouco. Já passei da medida receitada pelo povo e do parâmetro que a mim mesmo me tracei. Resta-me, destarte, dizer que é com alegria e gratidão, mas com indisfarçável humildade, que me dirijo a todos, nesta hora, *ab imo pectore*, proclamando em alto e bom som: Muito obrigado! Deus lhes pague!